

Resenha

O cartógrafo e as noivas

The cartographer and the “noivas”

Maria Cristina de O. Athayde¹
macrioatha@hotmail.com

Suely Rolnik, em seu livro *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, contempla-nos, nesse ensaio, com uma inusitada viagem pelo mundo da psicanálise e da subjetividade. O que poderia parecer, em um primeiro instante, uma mistura um tanto quanto difícil de ser assimilada por leitores(as) desavisados(as), é uma deliciosa aventura que nos leva a acompanhar a trajetória de um cartógrafo, um alter ego da autora?

A autora é psicanalista, crítica de arte e de cultura e curadora. É professora titular da PUC-SP, onde coordena o Núcleo de Estudos da Subjetividade, no Pós-Graduação de Psicologia Clínica. Seu principal campo de pesquisa são as políticas de subjetivação na atualidade, tratadas de uma perspectiva transdisciplinar. Seu trabalho privilegiou, desde os anos 1990, a arte contemporânea em sua interface com a política e a clínica.

Com o advento dos estudos culturais, ou melhor, da História Cultural, temas como os abordados pela autora, uma psicanalista, passaram a ser antropofagicamente devorados e, posteriormente, assimilados e inseridos na escrita de historiadores e pesquisadores das ciências humanas em geral. Um lugar de destaque para esses estudos sobre a subjetividade deve ser reservado para Michel Foucault e suas pesquisas sobre a constituição do sujeito.

A subjetividade é um tema abordado não somente pelas diversas psicologias, mas também por outras disciplinas como a filosofia. Foucault (1985), que tinha formação em ambas as disciplinas, mostrou-nos como os sujeitos são constituídos. Scott (1995), uma das teóricas do gênero, afirma que as mulheres e os homens se constituem e se constroem na relação. E Simone de Beauvoir (1967, p. 9) apregoava que “não se nasce mulher: torna-se”.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Participante do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC).

Então, como Suely Rolnik nos mostra a mudança na política de subjetivação? Utilizando-se de vocábulos e conceitos reservados a um círculo restrito de leitores(as), a autora nos conduz a uma viagem cartográfica em companhia das noivinhas. Estas são vinte e quatro figuras-tipo que funcionam como personagens conceituais na resistência à sociedade disciplinar própria do capitalismo industrial.

A autora, ao servir-se de uma linguagem cinematográfica e do olhar subjetivo de uma câmera explícita, na parte inicial do livro, realiza o caminho que o cartógrafo percorrerá para mapear as trajetórias das noivinhas e os três movimentos do desejo. Com esta leitura, conhecemos o corpo vibrátil que nos permite apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam, as quais se fazem presentes em nosso corpo, sob a forma de sensações.

O cartógrafo de Rolnik (2007) acompanha as possíveis trajetórias da nossa noivinha que vivia em um regime fordista e disciplinar, em seu ápice nos anos de 1950. São apresentadas algumas cenas, *takes* que acompanham o encontro da noivinha com o seu homem. A autora, utilizando-se de uma nomenclatura criativa, nomeia as figuras-tipo como, por exemplo, a “aspirante-a-noivinha” que se transforma em “aspirante-a-noivinha-que-vinga”; enquanto isso, dando uma olhadinha numa outra tela, vemos uma outra “aspirante-a-noivinha” que se transforma em “aspirante-a-noivinha-que-gora”. Esta pode ter dois destinos: “noivinha-que-gora-e-gruda” ou “noivinha-que-gora-e-descola”.

As personagens apresentadas são a chave explicativa das cenas seguintes, pois se apresentam por intermédio do olhar vibrátil do cartógrafo que as acompanha na sua expedição até os anos de 1980. Mas, de fato, o que Suely Rolnik e o cartógrafo desejam mostrar, ao nos conduzirem em uma expedição em companhia das noivinhas? A resposta talvez resida na identificação da procura do *desejo*, pensado como um processo de produção de universos psicossociais. Esta resposta também é a chave para entender como se dá o processo de produção de novos modos de subjetividade que foram afetados sobremaneira pela emergência do neoliberalismo.

Na explicitação necessária do método de abordagem da autora e da sua antropofagia, percebemos que a autora se utilizou de diversas fontes, ao compor seu *corpus* documental. Mesclando letras de músicas, trechos de filmes e obras de vários autores, a autora criou um estilo próprio de referenciar essas fontes. A referência é apenas parcial, como a própria autora explícita na introdução. Frequentemente, não é à presença do próprio estrangeiro [autor] que o leitor terá acesso, mas à sua presença já metabolizada. Isso se percebe pelas citações, nem sempre literais, muitas vezes consubstanciadas numa evocação de

ideias alheias que sofreram transformações, ao se incorporarem à elaboração e ao estilo desse texto cartográfico. Essa presença pode ser reconhecida, visualmente, pela utilização do recurso do itálico na sua escrita.

A presença metabolizada constitui seu método antropofágico, mediante o qual a autora, como os modernistas de 1922, devora os estrangeiros e, depois de devidamente assimilados, utiliza-os em seus escritos e demais manifestações artísticas. Há uma declarada admiração a Oswald de Andrade e ao Movimento Antropofágico, ambos referenciados no livro, como revela o trecho a seguir.

É que a antropofagia em si mesma é apenas uma forma de subjetivação, em tudo distinta da política identitária. Ela se caracteriza pela ausência de identificação absoluta e estável com qualquer repertório, a abertura para incorporar novos universos, a liberdade da hibridação, a flexibilidade de experimentação e de improvisação para criar novos territórios e suas respectivas cartografias (Rolnik, 2007, p. 19).

Por exemplo, ao falar de desejo, Rolnik (2007) utiliza-se dos escritos de Deleuze e Guattari, que, por sua vez, já haviam deglutido, ou melhor, tinham se referenciado nos estudos de Spinoza.

Outro conceito fundamental para a compreensão do texto de Rolnik (2007, p. 11) é o da micropolítica. Questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, por meio dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva integram esse conceito.

Além das noivinhas, como figuras centrais do livro, temos a temática do desejo e os modos de produção de subjetividade. O desejo, abordado ao longo de toda a trama, assim como as noivinhas e a subjetividade, é apresentado pela autora e desenhado em três movimentos, delineados no encontro entre a noivinha e o seu pretendente. Como diz Rolnik (2007, p. 31):

O 1.º movimento do desejo: no encontro, os corpos, em seu poder de afetar e serem afetados, se atraem ou se repelem. Dos movimentos de atração e repulsa geram-se efeitos: os corpos são tomados por uma mistura de afetos. Eróticos, sentimentais, estéticos, perceptivos, cognitivos... E seu corpo vibrátil vai mais longe: tais intensidades, no próprio movimento em que surgem, já traçam um segundo movimento do desejo, tão imperceptível quanto o primeiro. Ficam ensaiando, mesmo que desajeitadamente jeitos e trejeitos, gestos, expressões de rosto, palavras... É que, você sabe, intensidades buscam formar máscaras para se apresentarem,

se “simularem”; sua exteriorização depende de elas tomarem corpo em matérias de expressão. Afetos só ganham espessura de real quando se efetuam.

O terceiro movimento do desejo é o processo de simulação que se põe a funcionar, assim como se fazem os movimentos de territorialização e desterritorialização. Essas ações correspondem, respectivamente, ao nascimento de mundos e aos mundos que se acabam.

O cartógrafo de Rolnik (2007) nos leva para uma viagem histórica e geográfica que mapeia cartografias nas quais as noivinhas se territorializam como raízes ou rizomas, mas poucas se aventuram numa viagem que as desterritorializem. A autora, contudo, afirma que a máscara que a figura feminina veste tem o seu *deadline*, ainda mais nos tempos que correm, quando a vida dos territórios e de suas respectivas máscaras anda cada vez mais curta. As máscaras ou os artifícios são consequências do segundo movimento do desejo e, por conseguinte, de todo o movimento do desejo.

A autora tipifica, perfeitamente, em seu texto, todo o movimento de transformações que aconteceram com as figuras femininas, ou, simplesmente, com as mulheres a partir da segunda década do século 20. Além de ser um livro escrito por uma psicanalista que se propunha a testemunhar a tortuosa luta pela criação de outra política de produção de subjetividade e de cultura e sua consolidação nos final dos anos de 1970 e constituir um balanço inicial dos anos de 1960 e 1970, focaliza o início dos anos de 1980. Desse modo, faz uma imersão na memória das sensações vividas naquele período e não das representações estabelecidas no imaginário da época, que ainda hoje perdura.

Podemos pensar este livro como altamente ligado ao feminismo e ao estudo das relações de gênero. Explico: a autora aborda muitas questões que são trabalhadas e estudadas por feministas ou pesquisadores das relações de gênero.

Na primeira parte do texto, podemos fazer ilações com os escritos de Betty Friedan e os dilemas enfrentados por várias mulheres das décadas de 1950 e 1960, que não tinham outra opção que não fosse o casamento. De igual maneira, é possível estabelecermos, como a autora fala, uma “empresa doméstico-matrimonial” (Rolnik, 2007), retratada mais detalhadamente na parte dois do livro. O cartógrafo, por meio de seu olhar criterioso, percebe a mulher se ocupando do espaço doméstico e gastando seu tempo entre compras, cuidados com o corpo e com o bem-estar do marido e dos filhos; enfim, a “noivinha-que-vinga” gerenciando uma pequena empresa do lar. Enquanto isso, o marido lida com as ações da bolsa e tudo o mais que se liga ao mundo dos negócios. É o retrato daquela

antiga divisão: espaço privado *versus* espaço público. Às mulheres, estavam reservadas a esfera do lar e as tarefas a ele pertinentes; aos homens, o espaço público, com todas as suas sutilezas, as negociações e o poder.

Na segunda parte do livro, Rolnik (2007) nos mostra como essas noivinhas vivenciaram as transformações que ocorreram na parte ocidental do globo terrestre. A autora nos relata que, nesse processo de desterritorialização da subjetividade, as mulheres foram as mais atingidas. Tal processo foi acentuado pela instalação da mídia, pela informatização do planeta e pela entrada maciça das mulheres no mercado de trabalho e na vida pública, portanto. A autora aponta que as mulheres desconheciam essa condição de trabalhadoras fora de casa, embora alguns estudos apontem que, em várias épocas, exerciam trabalho fora de seu domicílio, confirmando que esta não é uma condição da modernidade. Podemos destacar os estudos de Catherine Hall (1991) e de Michelle Perrot (1998).

Acompanhando, no texto de Rolnick (2007), o cartógrafo em sua viagem linear pela nossa história contemporânea, chegamos à era da mídia e dos “anos dourados”. Segui-lo-emos na sua expedição, presenciando os destinos das três noivinhas: “a-que-vingava”, a “que-gorava-e-grudava” e a “que-gorava-e-descolava”. Elas se transmutam em militantes, feministas, hippies, liberadas e alternativas dentre outras. A formação dessas novas subjetividades é interessante de ser apreendida nas figuras das feministas, das militantes e das liberadas.

O desejo, em psicanálise, é sentido e pensado como falta: somos o sujeito da falta. Estamos sempre em busca de algo que nos complete, remetendo a uma sensação de que um dia fomos seres completos. Assim, Rolnik (2007) trabalha com a noção de carência. Na primeira parte do livro, as noivinhas buscam essa completude em um casamento, quiçá, em um homem que possa suprir todas as suas carências e expectativas. É um formar de subjetividade que orbita em torno dessa relação com o outro, ou seja, uma mulher dos anos de 1950, que almeja realizar o sonho de ser dona de casa, uma noivinha que gira em torno da figura masculina, de onde extrai sua dignidade e toda sua possibilidade de estruturar-se psíquica e socialmente.

Enquanto isso, na segunda parte do livro, dentre todas as formas possíveis de produção de subjetividade abordadas pela autora, podemos pensar no modo como a militante forja a sua nova subjetividade. A autora aponta que essa subjetividade, nas militantes, é formada por dois mitos: o da identidade cultural nacional-popular e o da revolução.

A temática da subjetividade foi abordada por Foucault (1984) em algumas de suas obras como em sua *História da Sexualidade*. Em *O uso dos prazeres*, o autor nos mostra como se dá o processo de subjetivação do indivíduo grego. Foucault (1984), utilizando-se do método gene-

alógico, realiza um trabalho histórico da formação durante a Antiguidade, de uma hermenêutica de si, de como o ser humano se reconheceu como homem do desejo. Por meio de quais jogos de verdade o homem se percebe como objeto e “através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado?” (Foucault, 1984, p. 12).

Não podemos esquecer que as técnicas do cuidado de si diziam respeito ao homem grego que viveu entre os séculos V e IV a.C. Este homem deveria ser um homem livre e, por conseguinte, um cidadão grego. Foucault relata como o cuidar de si se tornou uma moral sexual, diferentemente do que se estabeleceu nos primeiros séculos nas quais o cuidado de si implicava em uma nova experiência de si.

Diversamente de Foucault (1984), que, em seus estudos, utilizava um aporte referendado em material empírico, Rolnik (2007) nos apresenta, em seu ensaio, o resultado de sua tese de doutoramento. Este é mais um suporte para os estudos dos modos de produção de subjetividade do que um livro que seja escrito com base em uma pesquisa empírica. Por exemplo, os trechos de música e ou de filmes citados servem como suporte para uma análise teórica que coadunam com aquilo que a autora quer retratar.

Retomamos o questionamento inicial quanto à possibilidade de o cartógrafo ser um alterego da autora,

entendendo alterego como uma expressão da personalidade do próprio autor de forma geralmente não declarada. A resposta evoca a experiência da autora como exilada que morou em Paris por dez anos. Como ela mesma salienta, este livro é o seu primeiro trabalho após a escrita de *Micropolítica: cartografias do desejo*, com Felix Guattari (Guattari e Rolnik, 1986). De alguma forma, e bem presente, além, é claro, em vista do fato de ter escrito o livro, podemos entrever Suely em suas noivinhas.

Referências

- BEAUVOIR, S. 1967. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro, Difusão Europeia do Livro, 499 p.
- FOUCAULT, M. 1984. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graal, 232 p.
- FOUCAULT, M. 1985. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro, Graal, p. 246 p.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. 1986. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, Vozes, 327 p.
- HALL, C. 1991. Sweet Home. In: M. PERROT (org.), *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra mundial*. São Paulo, Companhia das Letras, vol. 4, p. 53-87.
- PERROT, M. 1998. *Mulheres Públicas*. São Paulo, Fundação Editora UNESP, 159 p.
- SCOTT, J. 1995. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20:71-99.

Maria Cristina de O. Athayde
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História (UFSC)
Universidade Federal de Santa Catarina – CFH
Cx. Postal: 476, Trindade, 88040-900,
Florianópolis, SC, Brasil

